

Gente de PALAVRA

revista n° 38

ÁLVARO

Alves de Faria



RYANA
Gabech

Adilson Roberto Gonçalves Alessandro Rossini Álvaro Alves de Faria Alysson Lobato Ana Oliveira Anderson Valfré Antonio Cabral Filho Apolônio Cypriano Auber Fioravante Júnior Benette Bacellar Bruno Borin Boccia Carlos Henrique Chrisellen Vieira Claudinei Vieira Davi Kinski Denivaldo Piaia Douglas Bunder Eliane Sgária Friedrich Ellen Maria Felipe Magnus Flor do Ébano Giza Calu Guilherme Ferreira Aniceto Gustavo da Cruz Henry Rios Hero Rodrigues Jeanne D'Arc Júlio B. Kedma O'liveir Lenilson Oliveira Lilian Rose Marques da Rocha Lota Moncada Luciana Chaves Luiz Otávio Oliani Madalena Ferrante Pizzatto Magaiver Wellington Magda Duarte Mah Fiori Marcelo Ignácio Marcelo Rutshell Marlin Balbuena Bremm Mauricio Goldani Lima Michelle C. Buss Michelle Wisbowski Mikail Levinski Neyd Montingelli Odair Fonseca de Souza Renato de Mattos Motta Ricardo Mainieri Ronaldo Henrique Barbosa Júnior Ryana Gabech Tatiana Alves Tchello d'Barros Wésley Pio

Ela é uma artista múltipla: poeta com quatro livros publicados, realiza performances, é ainda artista plástica e compositora.

Mestra em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina, formou-se em Artes Plásticas pela UDESC em 2010. Lançou seu primeiro livro aos 15 anos de idade. Publicou quatro livros de poemas: *Mar e Avelãs*, *A data invisível do poema*, *Trêmulo* e *Álbun vermelho*. Em 2008 e 2009, realizou turnê por Florianópolis, Itajaí e Parati (RJ) com a performance *Trêmulo*, criada a partir do livro homônimo, ambos de sua autoria. Como compositora venceu em parceria com Alegre Corrêa o FEMIC 2008 com a música "Travesseiro de Estrelas", festival com 2.800 inscritos no Estado. Ao lado do baterista Toucinho Batera, em 2011 realizou turnê municipal e estadual em mais de 20 municípios do estado de Santa Catarina com a performance poético musical "Zunido de Poema" de sua autoria. Atualmente é professora de Artes da Casa da Criança (Morro da Penitenciária) em Florianópolis. Com a vida dedicada à arte e à escrita, Ryana Gabech é Gente de Palavra.

RMM

Ryana Gabech



A conservadora

E ela ficou na espera
para sempre

embebida

dentro do líquido em conserva

Ryana Gabech

Florianópolis – SC

in: *Trêmulo*, p. 109. Florianópolis: Papa-terra, 2008

20.10.15

E com um abraço acolhedor
me recebeu.
Por um longo tempo só nos olhamos.
“Paz no silêncio”
Lembra?
Respirei fundo
e lhe falei quase que indagando:
– Não citaste nada sobre astrologia
ou outras energias!?!
E com aquele olhar de mãe sabida
disse:
– “Quando os astros encontram os espíritos,
é ali que começam os conflitos”.
Tocou meu rosto e novamente silenciou...

Apolônio Cypriano

Porto Alegre - RS

Sonhadores

Os restos
das lendas
de ontem
são concreto
hoje.

O concreto
que nós
quebramos
diariamente
a marteladas
de sonhos.

Felipe Magnus

Porto Alegre – RS
felipemagnus.com



Canto de aprendiz

aprendi o ar
no voo
dos teus cabelos

aprendi terra
no carinho
de teus pés

aprendi o fogo
no calor
do teu seio

aprendi água
mergulhando
em tua fonte

em nossa química
rimei amor
com alquimia

Renato de Mattos Motta

Porto Alegre – RS

Descasais
casados ao acaso
um amor que não durou
não mais que um acaso.
E na casa agora ao acaso,
para ainda o caso...
Mas só para, não casou!
A cama cansada de dois...

Michelle C. Buss

Coimbra – Portugal
michelle.buss@gmail.com

Versos indigentes

Lágrimas... Depreciam-se amarguradas
Acobreado-se dos lábios suntuosos
Antes brando, e tão farto

Reenche o mar repentino e incontido
Imerso nas dores dum poeta
Agônico, absorto no órgão
Onde vives à ânsia

Wésley Pio

Araçuaí – MG
Wesleykurosaki@gmail.com



Infinito de nós

No infinito do meu eu
partes de ti
fazem-me inteiro
cativa-me
tira-me do real
da sobriedade
leva-me a delirar
a viver no limite
entre a realidade
e o sonho,
No afã de sermos nós.

Kedma O'liver

Santos – SP
omamdek@gmail.com

Voo azul

Rosa
cinza
rosa que já foi cor-de-rosa
das cinzas renasce num voo
impõe-se
fênix que cria asas
tinge o azul
risca o céu em voo
renasce
num céu róseo
pálido
pronto
para o voo real
azul que lança
a rosa

Flor do Ébano

Porto Alegre – RS

Doidos doídos

Disse-me meu coração:
“Não me (E)leve a mal
mas ela me (pre)FERE,
ao menos mais
a mim que a você.”
Neste momento percebi
que, ele e eu, somos dois desequilibrados,
dois (IN)completos doídos varridos.

Marcelo Rutshell

Guaíba – RS
facebook.com/versosuni

baiacu anzol
futebol de criança
areia com sol

Jeanne D'Arc

Emaranhada aqui...

num sufoco de miragem
teu esboço cresce
o resto é bobagem

dai-me coragem

quis um espaço
para amores perfeitos
e afoitos poemas

sem querer
sem pressa
sem vestes
sem

Benette Bacellar
Porto Alegre – RS

Acabou o café

As migalhas farináceas de pão com rastros
de manteiga são pedaços de mim pela toa-
lha surrada que cobre a mesa de ma-
deira carcomida pelos cupins do tem-
po, mas com a robustez de quando um
antepassado a fez. O bule ain-
da quente andava nos olha-
res que acompanhavam o tempo passar nas xícaras
vazias com o fundo negro. Restou apenas o gostinho
da poesia a criar vida no céu da boca

Ronaldo Henrique Barbosa Jr
RHBJ10.wix.com/RHBJ

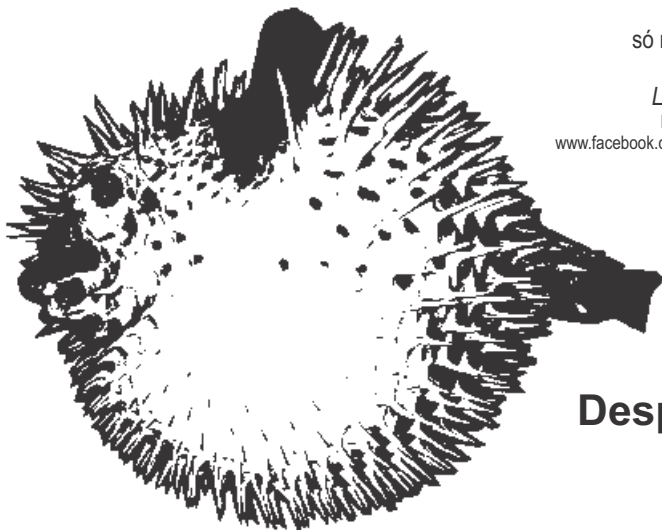
Arrebatamento

por um breve instante
senti o arrebatamento
de escrever um poema
um doce leve suave
um poema de amor

para quem não está
para quem não sabe
para quem não vem
para quem não espera
para quem não tem

só não fui capaz

Lota Moncada
Porto Alegre – RS
www.facebook.com/lota.moncada



Desprezo

Respiro
Silêncio
E engulo
O soco no estômago
Da frase maldita
Que gritaste
Ao meu ouvido
Porém a dor é tanta
Que vomito
Com rancor
Tudo aquilo
Que foi dito
E sorrio
Com desprezo
Pois o teu olhar
De espanto
É o meu prêmio favorito.

Lilian Rose Marques da Rocha
Porto Alegre – RS
lilian24@terra.com.br

Coisalguma

Para os senhores do mundo
somos coisas.

Coisificados
que pagam impostos.

Coisalgumas que assistem
telenovelas & telejornais.

Que fazem amor
sem arte.

Somos coisas
semoventes
seminovas.

Em liquidação.

Coisapenas
no mailing-list dos políticos
e dos spammers de ocasião.

Ricardo Mainieri
Porto Alegre – RS



Saudade

Ontem conheci alguém que
[morreu de saudades,

Ontem também morri.

Causa mortis?

Segundo laudo feito na minha alma,

Saudades de você.

Mikail Levinski
Indaiatuba – SP
<https://www.facebook.com/levinski08>

Versos de uma poesia

... xale cor de madrugada,
meia noite à poesia, crepúsculo
aos versos espiralados, estrofes
inteiras, cortinas brandas.

mãos entrelaçadas, olhares
refletidos, espelho d'alma
num revoar de sentidos, Oz.

silvos pelo anoitecer, corpo
desnudando-se por devaneios
primeiros. inteiros de dançar.

enfim, o luar a despontar
pelas ondas do a(mar),
silêncio, orgasmo mor.

Auber Fioravante Júnior
Porto Alegre – RS
auberjunior1962@gmail.com

Palavras

Palavras andarilhas
caminham
sobre o meu corpo nu
vestindo-me de poesias.

Marlin Balbuena Bremm
Campo Grande – MS
<https://www.facebook.com/marlin.balbuena Bremm>

Línguas e poesias noturnas

Que noite mais louca
Com a minha língua
fiz poesia no céu da tua boca

Magaiver Welington
Mostardas – RS
magaiver.welington892@hotmail.com

Horário de verão

amante desgastante:
amo ao deitar
odeio ao levantar

Michelle Wisbowski
Santo André – SP

Gravidade

coisa
cai
é copo de vidro
quebra
ai!

Adilson Roberto Gonçalves
Campinas-SP
Email: priadi@uol.com.br

O amor é só cego

Tenho em vista
que me desvista
me faça uma revista
ao meu corpo invista
permaneça em longa visita

anuvia minha vista

me morcega
só me cega
me sossega
...de amor.

Odair Fonseca de Souza
Canoas – RS
odairteatro@gmail.com



Verbo de ação

AMAR é verbo de ação
Reação intransitiva direta
Conjuga-lo é lembrar um outro verbo ...
Quando tem que esquecer
É como morrer bem devagar
Sofrer sem querer pertencer à dor ...
Nesta oração de nós dois
[EXISTE um verbo de ligação
Onde o sujeito simples, mas composto
[por tantos adjetivos...
Vem completar o sentido do sujeito
[abstrato que sou
E oculto no presente mais
[que perfeito
Deve estar o deleite em
[substantivo coração
Órgão que é humano e pulsa
[a emoção
Esparramando em meu corpo
Que já não suporta mais o pouco
Depois de ter conhecido o
[intenso querer
Querer que é um outro verbo
Que não se conjuga sem
O pronomes VOCÊ...

Giza Calu
Valinhos – SP

Campos de trigo

Quando o inverso torna o verso um perigo,
quando o inverno torna o inferno um abrigo,
quando o acerbo torna o verbo um jazigo,
quando o deserto torna o certo um castigo,
quando o reverso faz do universo um postigo,
o mundo cabe então aqui no meu umbigo.
Mas ando tão disperso que nem ligo.
No fundo, é sem sentido o que eu digo.
Contudo, se quiser, venha comigo.
Não há pedido tão mendigo,
não há desejo tão antigo.

Júlio B.
Belo Horizonte – MG
julio612@gmail.com

Resiste.
Da terra roubado. Família, arrancado.
Resiste.
Buracos negros no mar.
Sofrimento do mundo.
Resiste.
O branco do algodão. Resiste.
Tu cultivastes mãos negras.
Brancos, ricos. Resiste.
O barulho. A chibata estalou.
Resiste.
A carta. Liberdade. Mentira.
RESISTE.

Alessandro Rossini
Humaitá – RS

Enquanto

Fico confuso
Mudo e surdo
Surto esperando
Azar ou sorte

Marcelo Ignácio
marcelopoeta.ignacio@gmail.com
São Vicente – SP

Poeta

A Sílvia Jacintho

ao usar carretilha
não deixa rastros

ignora o molinete
o mar não se zanga

senhora das águas
em que navega
maneja versos
que não inundam

Luiz Otávio Oliani
Rio de Janeiro – RJ



Ser

Ser
Sem
Sentido,
Sentindo
Apenas
Osso
Carne
Pele
E abandono.

Ser,
Sentindo
A falta real
De um sonho.

Ser
Sem
Rumo,
A sina de
Um estranho.

Sem
Ser
Nada,
Um espaço vago
Sem tamanho.

Alysson Lobato
Lavras – MG
<http://www.aquelequele.blogspot.com.br>

MTVD

Em asas de aço
folha de papel
libero o cansaço
voando ao léu
e então me refaço
em Montevidéu

Denivaldo Piaia
Campinas – SP
dmdj@terra.com.br

Álvaro Alves de Faria: o poeta-viaduto

Ofício

Que palavra não nasce
se morrer é todo instante
que palavra
por nascer comove e sente
o que se aguarda e não vem?

Sílaba no verso do espanto
o que se tenta descobrir
como se possível
ainda fosse
a poesia que se imagina?

Morta a poesia
não mais se saberá da vida
nem do homem
nem da mulher
nem de ti
que ainda guardas no bolso
essa estrela que caiu do céu.

Que ainda recolhes
as folhas junto à porta
todas as manhãs derradeiras
como se fosse sempre
a primeira vez.

O poema é tão pouco
que mal cabe na palavra.
Tão pouca a poesia
que mal se percebe.

Não cabe no bolso de meu paletó
o poema inútil deste momento
nem a escassa poesia
do início deste verso.

Toda poesia brasileira
guardo numa caixa de sapatos
e ainda sobra espaço
para as coisas que não desejo mais.



Álvaro Alves de Faria será sempre o poeta do Sermão do Viaduto, o jovem que insistia em enfrentar canhões e cassetetes armado de poesia; que em oito apresentações foi preso cinco vezes, a voz que não cala. Não poeta-panfleto que transforma texto em propaganda, poeta inteiro com uma poesia de resistência. Resistência a todos os autoritarismos, tanto o político que dominou o país por mais de duas décadas quanto o autoritarismo do compadrio, do jogo “me-elogia-que-eu-te-elogio” que grassa em certa intelectualidade brasileira. Resistência a determinadas vã-guardas que buscam impor uma ditadura estética de regras e réguas, onde a discussão da forma vira apologia da fôrma. Resistência que significa persistência na poesia e insistência na arte. Em mais de 50 anos, publicou 20 títulos, sendo 14 de poesia, além de três romances, duas novelas e um livro de crônicas.

Hoje ele se autodeclara “um exilado da poesia brasileira, graças a Deus”, redescobrimo a terra de seus ancestrais onde tem lançado seus livros mais recentes. O viaduto onde ele proclamava seu sermão nos anos 60, tornou-se ponte transoceânica unindo as poéticas de Brasil e Portugal. Álvaro Alves de Faria é Gente de Palavra.

não tenho
vontade
de falar

não tenho
vontade
de ouvir

nessa correria
materialista

finda o dia
sobra corpo
falta alma

basto em dormir

Crisellen Vieira

Canoas – RS
dissimulandonovazio.blogspot.com.br

EfemeroEterno

N I D A D	N I D A D	N I D A D	N I D A D			
R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D
T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D
R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D
T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D
R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D
T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D	T E R N I D A D
R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D	F E M E R I D A D
T E R N I	T E R N I	T E R N I	T E R N I	T E R N I	T E R N I	T E R N I

Teu olhar me devora

Quando o teu olhar
Me devora,
Acorda todos meus poros,
Meu coração saltita:
Sou lua, sou sol, sou sua...
Pura combustão,
Incendiamos!!!

Eliane Sgária Friedrich

Sapiranga – RS
elianesgaria.blogspot.com



Pauta

Crescem cidades!
Diminuem árvores!

Anderson Valfré

Ouro Preto – MG

Tchello d'Barros

Rio de Janeiro – RJ

www.tchellodbarros-posesiavisual.blogspot.com

Era uma vez...

Era uma vez
Uma história
Sem pé
Sem cabeça
Era linda
Antes que me esqueça

Carlos Henrique

Florianópolis – SC

Trivial e vulgar

Quadros bucólicos
Sobre muros de vielas urbanas
Cenário de um coro de vozes
Anônimas, segredando
Palavras desconexas
Desprovidas de pudor
O rosto com sinais de carmim,
Sangrento
Letras rebuscadas em nanquim
Tatuando o branco
Sobre o criado mudo
Banzado e mesmo assim mudo
Testemunha de que o sal
Nasce dos olhos madentes
Em noites quentes
Do final de dezembro
Quando o sagrado
Se deixa cair do oratório
Arremessando pedaços de velas
Queimadas ao chão
Trivial e vulgar esnobam
A ingenuidade do cego
Andorinhas azuis
Não mais sobrevoarão as visões.

Mah Fiori
S. Paulo - SP.

Poema consternado

A humanidade não tem cura,
será sempre a mesma caverna
fria e escura,
onde as feras têm morada.

Ai do poeta que distingue
a vã glória da causa terna,
o estilingue
espreita a ave na estrada.

Ai do pássaro que alegre
a manhã no canto que externa,
a dura regra
enche o bardo de pancada.

Guilherme Ferreira Aniceto
Itajubá – MG
guilhermefaniceto@gmail.com

Eu preciso da poesia,
servida em taças de vinho
onde a alma se alegra.

Também
Preciso do grito de cada palavra,
para chorar um amor que se foi
e hoje é apenas um mistério antigo.

Preciso da magia dos versos
irritante e insistentemente,
tal qual a serenata de uma cigarra.

Talvez esta seja a minha oração noturna.

Madalena Ferrante Pizzatto
Curitiba - PR
madalenaftp@yahoo.com.br



Pagu desacreditada

Tu que ergue essa bandeira
tu que no alto-falante frita
tu que não desiste
que resiste
insiste em um mundo melhor
tu que é o melhor do mundo

tu que luta
labuta
enche o peito
exige respeito
que ama intensamente
inteiramente os teus
e a pátria que te pariu

tu guerreira
Pagu desacreditada
tua força não me espanta
tua voz meu sangue alcança
tua busca, meu louvor

Luciana Chaves
Porto Alegre – RS

O veneno nosso de cada dia

Do meu âmago transbordam para um jarro
Substâncias odoríficas – ora ervas, ora cheiros
Singelos malefícios são queimados nos palheiros
E as nobres ervas finas são tragadas num cigarro

Consequências de uma infestação de enzimas
Quero ter em minha vida a presença disso tudo
Respirando novos ares através deste canudo
E no aroma alifático de todas as benzinas

Eu quero o bem-estar da nicotina
Banhar-me em éter e me sentir culpado
Falecer de corpo inerte e braços dormentes

Fazer desta fumaça mi'a cortina
Celebrar a febre deste machucado
E deixar minha parte para os novos doentes

Henry Rios
henyrios2312@hotmail.com
Caxias do Sul – RS

Nouvelle vague

a superfície líquida do desejo
olhos fixos na imagem que também
fixa mas um par de dedos ágeis
avisa smile piscadinha coração cuidado
cinco canções abertas armadilha
nenhuma perna recebe
quarenta toques por minuto
numa noite centena de pixels iluminam
o rosto trêmulo frio na barriga crise de
[abstinência]

cada página recebe
dezessete segundos seguidos de
[atenção]

registro congelado da calentura
somos só dois querendo um
banho café dança encontro isso
tudo começa (ou será que termina)
quando a janela fecha.

Ellen Maria
São Paulo – SP
ellenmartins.wix.com/home

Tra(d)ição

As musas entoam seu canto arcano
E, tão arditosas, aedos inspiram.
Em seu voo cego, num baile insano,
Poderes e feitos heroicos transpiram.

São como Medeia, cruéis e ferozes,
São como Jasão face ao Velocino.
Seu canto-memória traz dores atroztes
E a todos enleva, estranho fascínio.

E tecem castigos em teias e tramas
Celebram banquete veneno memória
Buscando o saber das esferas profanas
Que cortam, destecem, mas fazem a História.

Tatiana Alves
Rio de Janeiro - RJ
tatiana.alves.rj@gmail.com



Andando no escuro

Tauteando crepúsculo adentro
Cores de mista e confusa elegia,
Sazonais desejos e vãs agonias,
Nos hinos trêmulos que elenco;

Me perco nos acordes o amargar
Despetalado de meu sentir,
Ao revirar lembranças a farfalhar;
Sem perguntar do porquê insistir,

Em uma imagem que, distante
De qualquer coisa familiar
Apesar do teor pouco atroante

Ressoa em um íntimo inverno
Cujas badaladas, consigo escutar
Do lastimoso mas meu significante.

Bruno Borin Boccia
São Paulo – SP
www.manorofoales.blogspot.com

Prelúdio

as cores ficaram caladas
apagaram-se-lhe as luzes

já não vê o mar desarrumado
sente-lhe o ralho
e os salpicos no cabelo

fecharam-lhe as janelas de espreitar

contrariando o abismo
contornou o perfume da madressilva
tomou fôlego, tacteou
colocou os olhos nos dedos
e orou em braille

Ana Oliveira
Portugal

Tenho fome

Um simples ser da terra,
Com endereço e família e emprego.
Tenho a mesa farta
Não me falta numerário.
Mas, eu tenho fome.
Fome de saber,
Fome de entender,
Fome de conhecer,
Fome de sentir,
Fome de mim, do universo.
Preciso saber, conhecer.
Por que anoitece, por que amanhece,
Por que todos os dias são iguais.
O que são as estrelas, o céu,
O nascimento, a morte, o apego.
Como sentir o amor das pessoas,
Das crianças, do cão.
Eu tenho fome de ser completo.
Preciso saber, entender,
Por dentro.
Antes de morrer.

Neyd Montingelli
Curitiba – PR
www.neydmontingelli.com.br

Um crime

É madrugada
E pela janela, a mesma noite
De uma casa abandonada
Em uma rua perdida
De um passado remoto
Do único momento que trago na vida
Um beijo roubado
Que levou consigo muito mais do que
[eu tinha
Anos se passaram
E nunca mais repus aquilo que me
[falta todos os dias

Hero Rodrigues
Aparecida – SP
washingtonhero@hotmail.com

Idolatrando a dúvida

Para que o definitivo
Se é o provisório
Que permite
Mais
Possibilidades?
Para que o real
Se é o ilusório
Que nos faz
Felizes?
Para que o racional
Se é a emoção
Que nos mantém
Vivos?
Para que o pragmatismo
Se é a utopia
Que faz a
História?
Para que a certeza
Se do pouco que já
Disse
Cada vez menos posso
Afirmar?

Douglas Bunder
São Caetano do Sul – SP
www.regurgitodeideias.blogspot.com



Abismo, tentador abismo

abismo, tentador abismo
infinito se deixar cair
um baque segundo e
fim

a subida é um esforço
perene
tortuoso
sempiterno

de cabeça pra baixo
penhasco afundo
leve
voo
parece que subo

Mauricio Goldani Lima
Novo Hamburgo – RS



Dez dias para amanhã

Porque só faltam dez dias para amanhã
Tomo ontem e hoje num drinque de véspera
Com petiscos de sonhos, preces e pressa
E quero ressacas de mim todo esse tempo

Talvez não tenha azeitona e Bethânia
Porque só faltam dez dias para amanhã
Mas vou tentar me lembrar do incenso
E, quem sabe, das chaves e do vinho

Se eu lembrar apenas dos meus gozós
Que ninguém me condene e apedreje
Porque só faltam dez dias para amanhã
E ainda não comprei minhas flores

Lenilson Oliveira
Cajazeiras - PB

Resposta ao mundo caído

[esse traço de estupidez no ar
esse ranço de ódios estuporados
desesperos cínicos, suores incontidos
mesquinhas ancias...
tempos de humanidade adormecida]

encosto minha mão em seu peito
que me diz eu vivo eu vivo
o coração repete eu bato eu bato
enfio os dedos na garganta
desentalo a voz que esgoela
eu vivo eu grito eu falo eu penso

pois então, mesmo diante dessas
ondas de humanidades adormecidas
posso dizer, lhe assegurar:

não me calo
eu sou
eu continuo
eu respondo
eu poemo!
eu poemo!

Claudinei Vieira
Guarulhos – SP
vieirapan@gmail.com



Dos olhos da existência – II

Confesso
que o estrondo dos trovões
já não me assusta tanto.
O tempo me fez sério.
Sério, duro, impenetrável.
Tanto, que já não me amedronto
ao ver os raios ao longe.
Mas quando chove,
é como se eu fosse com a água,
levado com o vento.
E amoleço, entorneço. Penetro,
eu mesmo, no mais fundo de meu Eu.
Pois, o que me dava medo,
agora me faz um bem,
tão bem que nem percebo
que me desfaço de mim
para ser com a chuva.
Meus olhos são janelas
embaçadas pelo temporal.
Sou casa sem teto,
levado pelo vendaval.
E quando chove em mim,
confesso, já não me sinto mal.

Gustavo da Cruz
São Paulo – SP, zona sul
Facebook: /GustavoCruzAbreu

Discurso dos ventos

Cruzo as ruas
E seus hermeneutas
Desfilando discursos
Enfileirados,

Seguindo a ordem unida
Das disciplinas disformes –
Ovos de serpentes extintas.

Noto cobranças herméticas
Em prosas prolixas estéreis
Nos raios cortantes das pedras.

Um vento frio repõe a poeira
Erguida pelos coturnos
De antigas marchas cinéticas.

Tudo se move
Por entre os cubos de gelo
Da velha taça sempre inerte.

E quando eu puder
Também farei discursos herméticos
Para os ouvidos moucos,
Mas por hora
Ouçam o que dizem os ventos.

Antonio Cabral Filho
RJ – letrastaquarenses.blogspot.com.br

Expresso

Encontrei o açúcar
Do desejo
Nas aspas
Da sua metáfora
No mel dos dias
E buquês
De silêncio
Surrupiadoss
Pelos bares
Que já tomei
Não quero entender
Sobre o amor
Ou como
Fabricar aviões
Em nome
Da fé
Derramei
Tudo o que
Não é sólido
E evaporei
Com o alambique
Do tempo
As ressacas
Que o café
Não cala

Davi Kinski
São Paulo - SP



CADA VEZ MAIS GENTE DE PALAVRA



1) Davi Kinski

2) Eri Barros

3) Michelle
Hernandes

4) Renato de
Mattos Motta

5) Michelle Buss

6) Rubens Jardim



Gente de Palavra é muito mais do que uma revista. A revista circula, viaja pelo Correio, passa de mão em mão, circula na internet, vira postagens no Facebook, leva nossa palavra longe. Mas antes de sermos Palavra, somos Gente.

Tudo começou com um bando de poetas em Porto Alegre, com a idéia de uma revista que seria lançada em um sarau, de um sarau que lançaria uma revista, de uma união que nos daria força para valorizar a poesia e os poetas. Pra facilitar a organização, criamos um grupo do Facebook – mas a internet não respeita distâncias geográficas e a revista desde seu primeiro número incluiu poetas de outros estados, logo haveria gente de outros países: Japão, Colômbia, Portugal, Estados Unidos... A partir do sexto número, com o crescimento do número de participantes, um Conselho Editorial passa a selecionar os poemas que serão publicados.

Em dezembro de 2014, uma nova etapa. Eri Barros, membro de nosso Conselho Editorial realiza dois eventos, um na Casa das Rosas, em São Paulo e outro na Estação Jovem, em São Caetano do Sul, lançando o Núcleo Gente de Palavra São Paulo, que passou a ter encontros bimestrais na Grande São Paulo. Em setembro de 2015, São Paulo passa a ter dois núcleos Gente de Palavra: Núcleo ABC, coordenado por Eri e o Núcleo Paulistano, organizado por Davi Kinski e Rubens Jardim. Agora, dia 26 de novembro, nasce mais um núcleo de Gente de Palavra. Por iniciativa de Michelle Buss, será realizado o primeiro Sarau Gente de Palavra Transoceânico, em Coimbra, Portugal. Nossa Palavra vai cada vez mais longe porque temos conseguido aglutinar Gente de valor.

É no trabalho, no trato cotidiano com o texto, com a arte e com as pessoas que se revela quem é realmente Gente de Palavra.



Esta edição:
150 exemplares.

Revisão:
Michelle Gonçalves Hernandes

Projeto gráfico e diagramação:
Renato de Mattos Motta

Redação:
Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Clarice Sant'Anna e Diego Petrarca

Conselheira Especial para Língua Espanhola:
Lota Moncada

Porto Alegre, novembro de 2015.

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com